

# O Café nos Livros

ARAGUAYA F. MARTINS

Florestan Fernandes, autor de «A Organização Social dos Tupinambás», «Fundamentos da Explicação» Sociológicas e tantas outras obras de alta qualificação, publicou em 1960 o volume intitulado «Mudanças Sociais do Brasil», no qual apresenta estudos de caráter variado. O café está presente no capítulo VII, sob a epígrafe «A Sombra da Idade de Ouro». Trata-se de artigo baseado na interpretação de dados colhidos no decorrer de três excursões, que o autor teve oportunidade de realizar no Vale do Paraíba em companhia de Emílio Willems (Cunha), e L. J. e a outras regiões em companhia de Carlos Borges Schmidt, Antonio Candido de Mello e Souza, Egon Schaden, Giocanda Mussolini e Gentil de Camargo. Sob a direção do dr. Fernando de Azevedo, o Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras iniciará uma investigação de larga envergadura sobre a «Civilização do café em São Paulo». Essa investigação, infelizmente, foi interrompida por falta de recursos financeiros. É lamentável que tal tenha ocorrido. Acreditamos que o café, que tanto deu ao Brasil, mereceria essa pesquisa e interpretação.

## A SOMBRA DA IDADE DE OURO

O trabalho de Florestan Fernandes é o seguinte:

«O café proporcionou um esplendor econômico e social ao Vale do Paraíba, jamais conhecido anteriormente em terras paulistas. Zaluar, que compreendeu várias cidades e fazendas do vale no terceiro quartel do século XIX, faz afirmações deveras informativas a respeito do padrão de vida dos fazendeiros e de suas famílias. «Os grandes proprietários de terrenos, deixando de frequentar os povoados, e reconcentrando-se em suas fazendas, que são os verdadeiros castelos feudais de nosso tempo, fazem convergir ali toda a vida, que reflui das povoações para essas moradas ostentosas onde muitas vezes o luxo e a riqueza disputam primazia à magnificência dos palácios da capital». Esse depoimento seria logo confirmado pelo testemunho de outros viajantes, especialmente os franceses, e ainda hoje encontra uma corroboração indireta. Quem percorrer a mesma região em nossos dias e visite as fazendas mais conservadas, poderá de fato admirar o conforto e a grandeza das sedes, encontrando aqui e ali um pouco desse antigo fausto na comodidade dos móveis, feitos para uma longa duração e para um uso intenso; na extensão da sala de jantar e de estar, própria para o aconchego nas horas de lazer, para o convívio íntimo e para a recreação associativa; e, enfim, na fisionomia dessas rústicas mansões senhoriais, que inspiram segurança aos seus visitantes externos, mesmo aos seus visitantes mais afoitos ou apressados. Sobravam, pois, razões a Zaluar, quando escrevia: «como é diferente a vida da roça a existência monótona da povoação». Ali na conversação da intimidade.

Todo esse esplendor, porém, estava destinado a fenecer, a extinguir-se, a tornar-se muito cedo uma grandeza preterita. O café, que o criara, não o manteria no mesmo lugar indefinidamente. Os mais ambiciosos e tenazes desociaram-se com a planta, procurando-lhe terras novas, o que uma fixação permitia descrever como consequência da avidez dos cafezais por «terrenos virgens». Outros, menos animosos, ficaram por lá mesmo, onde a ruína os achou, reduzindo-os com seus familiares, conforme circunstâncias variáveis, a uma indissimulável penúria, a uma vida paca e apertada, ou a uma existência confortável mas sem ostentações. Atrás da lenta extensão das terras, vieram outros males para o equilíbrio econômico das fazendas: a crise do café, em 1880; a escassez de braços, produzida pela desagregação do regime servil e pela incapacidade financeira de muitos fazendeiros do vale de «importar» trabalhadores estrangeiros, por volta de 1887; a geada de 1918; a crise econômica de 1929; a broca... As resistências se quebraram. Os que não se arruinaram completamente foram tentar a sorte em outras plagas ou reduziram drasticamente o seu estalão, conformando-se às novidades do marxismo econômico. Uma transformação dessa ordem não se operaria sem deixar marcas profundas. A contradição entre o passado recente e a realidade seguinte vai situar diversamente os indivíduos no mesmo cenário natural. A sociedade se altera internamente com maior rapidez que o ambiente físico exteriormente. Mas, ninguém quer dar pela coisa. O fluxo da vida continua incessante, sem que a confiança no futuro e a convicção de prosperidade possam bafejar a um grande número, como antes.

É dentro desse ethos, no qual se mistura muita simplicidade e orgulho se mistura com o desencanto, que o pesquisador precisa projetar-se, ao inquirir os descendentes dos antigos senhores rurais, quaisquer que sejam as posições por eles ocupadas atualmente na sociedade. O passado permanece vivo: toda uma herança moral continua a insinuar-se nos comportamentos quotidianos e nos ideais de vida, criando obrigações variadas e laços invisíveis de solidariedade, ou agitando sentimentos contraditórios, em particular contra os estranhos (ou os intrusos, como seria melhor dizer), canhestamente disfarçados. Na memória dos mais velhos conserva-se uma imagem nítida da velha ordem social. Ouve-se, então, que «os fazendeiros de prola» de Taubaté chegavam a possuir três (e não duas, como supunha Zaluar) residências; uma na fazenda, uma na cidade e outra em Tremembé, para assistirem às festas religiosas, especialmente a de Bom Jesus. As evocações reconstróem uma sociedade idealizada, mas que não está longe do modelo original. As obrigações, os direitos, os graus de prestígio e as posições sociais são definidos em torno de um polo constante: a pessoa dos fazendeiros. A julgar por essas evocações, em vez de simbolizarem uma hierarquia social, eles seriam a própria fonte de toda e qualquer classificação social naquela sociedade.

Em primeiro lugar, viriam os que se ocupassem com as chamadas «profissões nobres». Era a camada dominante, constituída pelas «possões de prola». Todavia, em seu seio, os fazendeiros representavam a «verdadeira aristocracia rural». A essa camada também pertenceriam o clero e os que exercessem «profissões liberais»; desfrutando de grande proeminência; os juizes e tabeliães. Em segundo lugar, estariam os sítiantes, dos quais nos informam que eram pouco numerosos, mas em geral muito considerados pelos fazendeiros. O sítiante, por sua vez, tanto podia estar ligado a «famílias boas», explicando-se sua situação econômica pelas sucessivas partilhas de propriedades antigas, quanto ser um camarada ou agregado, protegido por algum senhor. O primeiro gozava, naturalmente, de maior pres-

Café posto a secar no terreiro, pertencente à Fazenda Santa Amélia, em Ribeirão Preto, propriedade da Companhia Agrícola Amélia Junqueira.

